

## LUTANDO CONTRA O LIXÃO DA CACHIMBA: CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Nilton Silva dos Santos  
(Doutorando IFCS/UFRJ)

**Resumen:** El objetivo del presente trabajo es discutir y articular posibles relaciones entre identidad social y participación política, teniendo en cuenta observaciones desarrolladas en trabajo de campo realizado en el barrio de Cachimba, en la periferia de Curitiba, estado de Paraná.

Buscamos acompañar los procesos de interacción en el cotidiano de los moradores del barrio, averiguando como el sentimiento de localidad y pertenencia a una experiencia existencial común ha servido de fuerza motriz para las reivindicaciones de los *italianos* frente a la administración municipal, utilizando el Consejo Local de Salud, como *locus* de articulación privilegiado de la lucha contra la presencia de un terraplén sanitario ("botadero") en el barrio.

Hemos podido vislumbrar como la movilización popular ha sido posible al juntar concepciones diferenciadas sobre la política y incluso distintos estilos y formas de participación en el dominio público de la actividad política, al reunir los diversos *italianos católicos* en el enfrentamiento de la cuestión. Estando los moradores del lugar orientados a intereses específicos, en su lucha contra el "lixão", presenciamos el nacimiento de un movimiento social urbano interfiriendo –o por lo menos buscando interferir– en los destinos del espacio ciudadano.

En este ensayo, por lo tanto, intentamos desvendar la lógica subyacente a los movimientos y reivindicaciones presenciadas en el transcurso de nuestra investigación, demostrando que la política, en los términos compartidos por sus moradores, se ha transformado en tema usual para los que siguen viviendo en la Cachimba.

**Abstract:** This paper has the purpose of discussing and articulating possible relations between social identity and political participation, taking into account field work in the Cachimba district, in the periphery of Curitiba, state of Paraná.

I've tried to follow the processes of interaction in the daily life of the inhabitants, investigating how the feeling of locality and of belonging to an existential common experience has been used as a strong motivation for the demands of the *Italians* to the city authorities, using the Local Health Council as a privileged locus of articulation in the struggle against the existence of a garbage landfill in the district.

It has been visible that people's mobilisation has been possible when grouping different concepts on politics, and even different styles and forms of participation in the public domain of politics, when the different *Roman Catholic Italians* assembled to face the problem. While the inhabitants had specific interests when struggling against the presence of the landfill, we saw an urban social movement arising and intervening –or at least trying to intervene– in the destiny of the city space.

In this paper, it has been tried to uncover the logic underlying the movements and demands seen during the investigation, demonstrating that politics, as shared by the inhabitants, has become an usual subject for those who keep on living in Cachimba.

## I.

nada com a tua Curitiba oficial enjoadinha  
narcisista  
toda de acrílico azul para turista ver  
da outra que eu sei  
(Dalton Trevisa)

Quando iniciamos nossa pesquisa na região do Tatuquara, localidade na qual se inscreve o bairro da Cachimba, estávamos preocupados com outras questões distantes do planejamento urbano, de sua operacionalização e/ou dos processos decisórios que o envolvessem.

Assim sendo, quando rumamos para um bairro periférico na cidade de Curitiba, surpreendemo-nos com um outro lado da experiência curitibana de planejar, aquela que não leva em consideração os setores populares na implementação de suas políticas públicas. Premida por uma situação emergencial, a Prefeitura Municipal instalou o Aterro Sanitário Sul de Curitiba, o único a recolher o lixo da cidade, no bairro da Cachimba, sem levar em conta a vizinhança atingida por tal iniciativa.

Durante os diferentes eventos dos quais participamos, nas reuniões da Associação de Moradores, nas reuniões quinzenais na Unidade de Saúde Dom Bosco, durante os encontros na Igreja de São João Baptista, nas conversas informais, etc, o assunto recorrente era a presença do “Lixão da Cachimba” construído no meio do bairro. O desagradável e nauseante cheiro de lixo em decomposição, a presença de moscas e urubus, o barulho intermitente dos caminhões e tratores revolvendo os detritos compunham um quadro distante da imagem hegemônica da Curitiba harmoniosamente planejada e administrada. Estávamos confrontados com o inesperado fornecido pelo campo de investigação.

Acompanhar as inquietações dos moradores da Cachimba franqueou-nos a possibilidade de descobrir a Curitiba escondida que habita a “outra Curitiba para turista ver”, como insistentemente nos alerta o escritor curitibano Dalton Trevisan.

A Cachimba encontra-se nos limites fronteiriços com os municípios de Araucária e Mandirituba, estando próxima, ainda, do trevo das rodovias BR-116/Raposo Tavares e da BR-476, que liga a capital do Estado ao sudeste do Paraná. O nome do bairro, cuja origem é desconhecida, apresenta variações gráficas, podendo aparecer como Cachimba ou ainda em outras como Caximba.

Sua característica mais marcante, ressaltada pela constante visitação entre seus moradores ou por um “parentesco” que envolveria grande parte dos habitantes do bairro, seria aquele “sentimento de localidade” aludido por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) ao tratar dos *bairros rurais paulistas*. Todos estariam imbuídos de um pertencimento a uma experiência existencial comum, de ser “um lugar bom de morar”, onde todos se conhecem e se respeitam mutuamente.

Na memória social do grupo, o crescimento do bairro é fenômeno recente, de pouco mais de vinte e cinco anos. O contraste feito por seus habitantes nas condições de vida no bairro indica que houve “progresso” para a localidade em inúmeros aspectos, tais como a instalação de equipamentos urbanos corriqueiros e uma linha de transporte coletivo presente com alguma regularidade, melhorias fundamentais e de ocorrência recente. Outra novidade é a presença de “gente de fora” morando no bairro, provenientes em sua maioria do “Norte do Paraná”, expulsos do trabalho na região agrícola. A “invasão” ou “loteamento” ocupado por esses egressos da zona rural paranaense, que habitam a Vila 1º de Setembro, constitui-se numa área estigmatizada pelos habitantes “tradicionais” do bairro.

Permanece na vida do lugar, apesar das transformações de pouco tempo, o “grupo de vizinhança” tal qual conceituado por Queiroz (1973), ou seja, no cotidiano da Cachimba não é incomum a reunião de indivíduos em “cooperação recíproca” para as mais diversas atividades. Recolhemos relatos narrando um controle socialmente exercido por adultos e velhos no bairro, discretamente disseminado por toda localidade, seja na escola municipal, no bar da Cachimba ou no exercício de postar-se diante da casa apreciando o “movimento da rua” sem nunca perder para onde caminha o eventual estranho. Esta maneira de interagir nos destinos das gentes do bairro é positivada em contraste com a vida nos outros lugares da cidade, entendidos como impessoais e isolados. Mesmo quando há “fofoca” se enxerga nessa prática uma maneira de “um cuidar do outro”, como nos casos de doença na vizinhança.

Como observamos anteriormente, outro componente constitutivo do modo de entender e abarcar a Cachimba é dado por uma convicção identificadora da vizinhança com os “parentes”. As famílias no local preservam a “tradição” dos filhos cuidarem de seus pais na velhice e de garantir que a herança familiar permaneça no interior do núcleo familiar. Comumente ouvem-se afirmações que dão conta do bairro como “são tudo parente por aqui”, “falou mal de um, falou de todo mundo”. Os vínculos com parentes podem mesmo alcançar o bairro vizinho do Umbará, também entendido como constituído por italianos e poloneses. Os bairros da Cachimba e Umbará estão localizados no “cinturão verde” ao redor do núcleo urbano de Curitiba (Costa; Digiovanni, 1986), região ocupada pelos imigrantes europeus quando de sua chegada à cidade e onde desenvolviam suas atividades agrícolas.

Maculando esta auto-referência, alguns problemas passam a acontecer pelo bairro, como a presença de pequenos furtos, “botequinhos” para a venda de bebida alcóolica e, o pior de todos, o aterro sanitário com suas características peculiares. Estas áreas são indicadas como região de “perdição e vício”, “ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões e os ideais vagos e reprimidos se emancipam da ordem moral dominante” (Park, 1976). Destacadamente o “Lixão da Cachimba” é o que causa maior reprovação nos moradores do bairro. Tanto os botequinhos quanto o próprio aterro são vistos como locais de liberação, sexual inclusive, e intercurso não controlado de pulsões reprimidas.

O processo de instalação do aterro sanitário aconteceu posteriormente a uma consulta feita no bairro sobre a qual recai a desconfiança e a indignação dos habitantes locais. Foram apresentadas folhas para um abaixo-assinado repudiando a medida; no entanto, o cabeçalho teria sido adulterado ou acrescentado posteriormente, indicando a aprovação e satisfação da população com o empreendimento municipal. Nas palavras de uma moradora de 32 anos, nascida no bairro:

“Eles fizeram uma pesquisa, a Prefeitura fez, né? Lembro que os helicópteros passavam direto. Eles estavam procurando uma área verde grande que fosse, que se adaptasse, que fosse própria, né? Aí veio né? Escolheram aqui. Aí o povo não quis aceitar. Correu um abaixo-assinado na época sem cabeçalho, né? Inclusive minha assinatura tem naquele abaixo-assinado, eu não me conformo. Só que diziam, falaram prá mim quando vieram recolher a assinatura que era prá não aceitar o aterro. Que era prá fazer um abaixo-assinado que era prá não vim o aterro, então todo mundo assinou. Só que depois de feita a coleta das assinaturas, mudaram o cabeçalho. Fizeram um cabeçalho que o pessoal aceitava o aterro sanitário. Foi assim mesmo que fizeram, pegaram a minha assinatura, a da sogra, a da vizinhança toda, aqui de todo mundo. Só que com aquele discurso, nós a gente vai ter que lutar prá não vir, então todo mundo assinou. Claro que a gente não ia assinar prá vim um lixo aí, quem que queria, né? Mas depois eles puseram que o povo aceitou”.

O *drama* vivido pelos moradores da Cachimba os mobiliza constantemente no sentido de procurar explicar o processo pelo qual foram “enganados”, “iludidos” pela Prefeitura Municipal. Mais que buscar explicações para o fato consumado, hoje a população busca ser reivindicativa diante da municipalidade. Abandonando uma atitude “acomodada”, o povo da Cachimba “agora vai e briga mesmo”. Neste sentido, a igreja católica do bairro ganha centralidade na vida associativa da Cachimba.

Tanto no bairro da Cachimba em Curitiba, quanto no bairro do Catumbi, situado no Rio de Janeiro (Santos, 1981. Santos ; Vogel, 1985) seus moradores estavam dentro das normas legais e não podiam ser considerados marginais ou conturbadores da ordem urbana. Todos estavam assentados no espaço de maneira adequada, desenvolvendo suas atividades corriqueiras. O que unifica a experiência deste dois bairros é a justificativa de instâncias do Estado de estar desapropriando espaços nos bairros em prol de um bem comum (público), maior do que o daquelas pessoas. Então as razões “técnicas” assumiram, na Cachimba e no Catumbi, a linha de frente das justificativas da prefeitura. Eximiui-se a prefeitura municipal de ser considerada segregadora, portanto, apontado a “urgente necessidade”, a “utilidade pública” ou o “perigo de calamidade pública” como a razão primordial de suas decisões.

O ponto de encontro e articulação por excelência, no bairro da Cachimba, continua sendo a Igreja de São João Baptista. Ao redor dela e de seus membros várias atividades são desenvolvidas, como as missas quinzenais com a presença do pároco das redondezas, as diversas novenas, os mutirões que procuram fazer mais alegres as crianças em datas como o Natal e, ainda, as reuniões da associação de moradores do bairro, feitas num “puxadinho” construído pelos próprios moradores em processo de mutirão.

A religiosidade popular e os esforços para cumprir as obrigações com a Igreja da Cachimba são indubitavelmente o elo mais forte daquele “sentimento de localidade” aludido por nós. Em sua grande maioria, os moradores se apresentam como *católicos*, apesar da presença recente de um templo evangélico na Vila 1º de Setembro e de uma Igreja Adventista dos Santos dos Últimos Dias, na própria Cachimba. No entanto, quando perguntados sobre se conheciam algum dos frequentadores da igreja adventista, somente um nome foi lembrado e este foi identificado como sendo o único *italiano* não católico na localidade.

Momentos de grande conagração no bairro acontecem sempre ao redor da Igreja. Os tradicionais bingos beneficentes acontecem no adro, normalmente após a celebração da missa. Então, a programação das festas se encontra subdividida num programa religioso na parte da manhã e o programa propriamente festivo que se inicia, como já o dissemos, após a missa.

O almoço, que vai do final da missa até o início do bingo (aproximadamente às 14 h), é composto de “churrasco, galinha recheada, risoto, saladas e bebidas”, sendo animado pelo Serviço de Auto-Falantes São João, que invariavelmente toca músicas gauchescas como o xote, vanerão, chamamê, entre outras. De grande importância na localidade são as festas ao padroeiro do bairro:

“São João Baptista é o padroeiro do bairro. Dia 24 de junho é comemorado o dia de São João, né? Então sempre todo o Cachimba pára, né? Totalmente. É um dia santo aqui, né? Tem a festa na Igreja, tem o bingo de tarde tem pipoca, pinhão, quentão. Uma festa junina. Ninguém trabalha no dia de São João, pára mesmo”.

Ou ainda, nas palavras de uma moradora mais antiga, que além de falar de São João Baptista enfatiza os vínculos simbólicos da Cachimba com o bairro de Umbará:

“Na minha época não tinha festa assim, né? Festejavam assim o padroeiro, guardavam, né? Guardavam mais assim, não trabalhavam, sempre respeitaram o dia de São João, aqui do padroeiro do bairro. São João [aqui], São Pedro no Umbará que também guardavam, né?”

As relações entre o “povo da Cachimba” e a igreja católica são tão estreitas que a atual diretoria da associação de moradores conseguiu que fosse instalado um “posto de saúde avançado”, que ocupa uma sala de catequese cedida pela Igreja da Cachimba para atendimento dos moradores locais.

## II.

A percepção de o bairro ter sido lembrado como destino final para o lixo produzido em Curitiba empurrou seus moradores a participar decididamente das diferentes instâncias de representação sobre seus destinos, motivados por valores de saúde, limpeza, contaminação e/ou perigo (Douglas, 1976. Dumont, 1992). Acreditamos que, para a população local, com a instalação do Aterro Sul de Curitiba na Cachimba descortinou-se a dimensão simbólica das motivações políticas.

Uma dessas novas instâncias de “participação popular”, propiciadas com a Constituição de 1988, foram os Conselhos Locais de Saúde. Seu funcionamento é imprescindível para todos os municípios brasileiros que ambicionem receber verba federal na área da saúde. Então, partindo das pequenas localidades vizinhas –normalmente juntando bairros próximos– representantes da municipalidade, dos servidores da saúde e moradores das redondezas se reúnem para discutir as questões principais no âmbito da saúde pública, até que se chegue à Conferência Municipal de Saúde.

Foi assim que, quando iniciamos nossa pesquisa de campo em Curitiba, na Região do Tatuquara, aportando inicialmente numa reunião de sábado da Unidade de Saúde (U.S.) Dom Bosco, o tema que mais se salientava nas exposições de um pequeno grupo participante dava conta da existência de um “lixão” nas imediações das suas moradias. Apesar de reduzido, este agrupamento dava demonstrações incontestes de que o tema do “lixão” pautaria as discussões travadas durante aquele conclave.

A reunião apresentava por objetivo elencar preocupações e propostas dos moradores da Região do Tatuquara, atendidos pela U.S. Dom Bosco, composta pelos bairros Rurbana, Califórnia, Dom Bosco, Cachimba e Jamaica a serem apresentadas à Conferência Local de Saúde, que reuniria os moradores destas cinco localidades para escolherem um Conselho Local e eleger seus representantes ao Encontro Municipal de Saúde.

A iniciativa de convocar aquele encontro de sábado partira da administração municipal, através da autoridade sanitária da U.S. Dom Bosco, como consequência, portanto, da política nacional de municipalização dos recursos financeiros destinados ao setor de saúde. Para que os municípios recebessem suas verbas neste setor, convencionou-se constitucionalmente a realização de conferências locais, distritais e municipais sucessivamente, com o propósito de traçar prioridades e metas a serem cumpridas pelos administradores públicos.

No entanto, durante a reunião, uma interrogação pairava sobre as cabeças dos moradores da Cachimba ali presentes: seria o problema do aterro sanitário concernente àquela instância de discussão?

Durante instantes, questionou-se a viabilidade de incluir o aterro sanitário como tema daquele encontro. Mesmo sem grande convicção, foi respondida como legítima e relevante esta inquietação por parte da audiência. Porém, simultaneamente à resposta positiva sobre a justeza daquele tópico para a Conferência Local de Saúde, todos inquiriram ao representante do município ali presente – a autoridade local de saúde, o médico Dr. Amilton – se realmente aquele era um tema passível de debate.

Mesmo antes da resposta do Dr. Amilton, tivemos a intervenção de um morador de família tradicional da Cachimba, integrante do grupo de jovens da Igreja Católica do bairro, afirmando não querer participar daquela “conversa toda”, caso não pudesse discutir o “lixão” situado no seu lugar de moradia. Todos concordaram naquele agrupamento com esta vontade de ver pautado o referido tema; assim sendo e talvez sentindo a possibilidade de deserção por parte dos moradores da Cachimba do processo de Conferência Local e ainda interpelado pelos olhares e considerações dos outros participantes, o Dr. Amilton afirmou ser oportuna a inclusão do referido assunto na agenda de discussões.

Esta não era a primeira vez em que os moradores do bairro Cachimba participavam de encontros, reuniões e audiências buscando soluções ou alternativas concernentes ao Aterro Sanitário Sul de Curitiba. No entanto, desta vez, pudemos presenciar um certo mal-estar, um esgotamento com relação às negociações em torno de sua “aflição”. Saturados pelo constante vai-e-vem pelos gabinetes municipais, órgãos de fiscalização e controle do meio ambiente e mesmo das limitações na sua própria associação de moradores ou da atuação de seu vereador local (eleito pelo PTB, com votos provenientes da Cachimba, Umbará e outras localidades de *italianos*), a virtualidade de não poder discutir o problema de suas vidas, aquilo que lhes causava “vergonha” e aguda preocupação seria por demais frustrante e limitador.

Podemos derivar, portanto, uma fórmula na qual estariam incluídas saúde e meio ambiente numa mesma equação. De certa maneira, estes dois termos seriam equivalentes ou intercambiáveis para os moradores daquela localidade.

Ocupando estes espaços anteriormente vagos ou inexistentes, os moradores do bairro fundaram o âmbito de uma política local (Cardoso, 1983), criando um campo para sua interferência concreta. Nesta reação dos moradores da Cachimba durante a reunião na U.S. Dom Bosco, neste momento de interação entre diferentes atores envolvidos diretamente no processo de discussão pública, vemos estabelecido aquilo que Marc Swartz (1968) nomeou de *campo* e “cujo escopo territorial e social e as áreas de comportamento compreendidas mudariam de acordo com a entrada e saída de atores, ou com as mudanças nas atividades de interação”; o *campo* se definiria, assim, “pelo interesse e envolvimento dos participantes do processo estudado”, incluindo “os valores, os significados, os recursos e as relações empregadas”.

A incorporação nos debates travados na U.S. Dom Bosco, nas Conferências Local e Municipal de Saúde do tema aterro sanitário significou, a nosso juízo, uma *ampliação de natureza prática* nos aspectos concernentes à saúde pública municipal, tanto quanto no entendimento do campo político e do âmbito da política em suas vidas. Estivemos diante de discussões que reiteravam, da U.S. Dom Bosco até a Conferência Municipal de Curitiba, a necessidade de uma atitude de maior pragmatismo na definição

dos objetivos da municipalidade, em mais de uma vez. Nestes casos, os moradores procuravam identificar pautas concretas, questões importantes para sua localidade e “sua gente”, em torno do que usualmente se chama de “políticas públicas”.

Em outras palavras, apesar de os setores populares terem sido convidados por suas respectivas autoridades locais de saúde a participar do processo de discussão, vendo inclusive no curso da interação surgirem outros atores de esferas díspares –representante do governador do Estado, prefeitos, vereadores, sindicalistas, secretários municipais diversos, moradores da cidade oriundos dos mais diversos bairros, etc.–, ainda assim, sua preocupação recobria aspectos diretos e de natureza palpável frente a objetivos abrangentes e/ou gerais, com elevado grau de abstração. Era preferível pensar “na sua rua” a emergência de políticas públicas a gerar expectativas globais sobre as quais não se tinha nenhum controle ou capacidade de supervisão.

Um exemplo disso aconteceu durante a Plenária Final da Conferência Municipal de Saúde. Durante a leitura do documento que deveria ser aprovado na Conferência, ao se deparar com o item que tratava dos aterros sanitários e a destinação final dos detritos sólidos urbanos (lixo), o entendimento dos ocupantes da mesa dirigente, composta paritariamente por sindicalistas e membros da municipalidade, foi de sugerir, depois de ler a proposição por duas vezes e afirmar não tê-la entendido claramente, sua supressão. Encontrando concordância na plenária, uma vez que ninguém se manifestava, estando todos em silêncio, o dirigente da mesa propôs que se passasse ao próximo ponto.

Percebendo que o ponto seria suprimido da pauta, o delegado representante da U.S. Dom Bosco e membro do Conselho Local de Saúde se dirige pedindo “licença” à platéia de aproximadamente mil e quinhentas pessoas:

“Eu queria que vocês dessem um apoio prá gente resolver o problema do lixão que é muito importante prá gente, que incomoda muito a quem mora lá perto. Então, eu queria pedir uma força prá gente resolver este problema do lixão, tá? (...) Obrigado.”

Diante desta manifestação, os presentes na platéia aplaudiram entusiasticamente o representante da U.S. Dom Bosco e o ponto de reivindicação foi encaminhado ao documento final das resoluções da Conferência Municipal de Saúde. Ao sentar-se novamente em seu lugar foi cumprimentado entusiasticamente por seus vizinhos de audiência. Vislumbrava-se um certo orgulho na sua postura e sorriso ao agradecer as felicitações que recebia. Aquele homem acuado de antes sumira, substituído por outro que acreditava ter feito a “coisa certa”.

Haver sido compreendido, reconhecido e felicitado em decorrência de sua opinião por setores socialmente superiores ao seu era motivo de grande honra e satisfação. Conseguira operar numa arena (Swartz, 1968) estranha e abrangente, tomando precauções como requerer “licença” e alcançando seu objetivo de inteligibilidade junto à platéia para as reivindicações da “gente que mora lá perto” [do aterro].

Guiados por este “espírito de morador” (Vogel; Santos, 1981), os habitantes da Cachimba vão se confrontando com as autoridades municipais, sugerindo pautas e abrindo espaços nas esferas de decisão. Destas experiências que vivenciamos durante nosso trabalho de campo, vislumbramos no cotidiano dos setores populares, na forma como estes percebem e codificam a esfera das práticas políticas –e da administração da coisa pública– uma sensação de frustração na impossibilidade de definir responsabilidades e metas específicas.

Em outras palavras, o que os setores populares procuram definir é quem é responsável pelo que, até que ponto, em quanto tempo, etc. Mesmo os originariamente pertencentes ao domínio da vizinhança e das suas estruturas de associação voluntária correm o risco de ser encarados com desconfiança (Vogel; Santos, 1981. Santos, 1981) quando muito próximos de instâncias alheias à vida cotidiana.

Ressalteemos que as diversas manifestações dos moradores da Cachimba contrárias à instalação do Aterro Sanitário Sul de Curitiba em seu bairro aconteceram, em diversas instâncias e momentos, antes do trabalho de campo começar e continuam ainda hoje. A municipalidade ainda não desativou aquele “lixão”, apesar das promessas e estudos feitos visando à construção de outro –ou outros– aterro(s) na

região metropolitana de Curitiba. Repete-se a mesma característica dos procedimentos que resultaram na instalação deste aterro no bairro da Cachimba: o de não consultar-se os moradores que virtualmente serão atingidos pela iniciativa municipal.

Concluimos, portanto, que as mudanças perpetradas pela administração municipal na Cachimba não levaram em consideração os valores da população envolvida (Gans, 1962), prejudicando, por conseguinte, a qualidade do viver na localidade, como também ressaltaram o teor, por vezes duvidoso, das decisões sobre a cidade e seus moradores. Apesar de Curitiba ser apontada como exemplar, do ponto de vista de seu planejamento urbano, para as demais cidades brasileiras fica patente, do que foi exposto, o caráter autoritário e centralizador de certas políticas públicas brasileiras.

Para o analista fica a percepção de uma sociedade civil que se organiza e se mobiliza através de surpreendentes chaves de aglutinação, como as identidades locais, o sentimento de localidade e pertencimento, o ser tradicional no bairro, a presença de pessoas que se identificam com a Cachimba e seus moradores, entre outros tantos motivos plausíveis de se juntar. Como nos disse uma de nossas informantes sobre o “lado positivo” das adversidades do cotidiano:

“Antigamente aqui na Cachimba o povo era muito acomodado, sabe? Foi com a vinda do lixão que o povo começou a abrir os olhos. A Solange, a diretora [da Escola Municipal] aqui, ela também ajudou muito a gente, ela ajudou a abrir os olhos do povo aqui. Era um povo muito acomodado[o da] Cachimba. Mesmo vendo coisa errada aqui o povo não gosta de falar, sabe? O povo aqui não gosta de se meter em encrenca, sabe? Mesmo tá vendo que o troço ali não é prá ser assim, sabe? Então o povo era acomodado. Depois que veio o aterro sanitário e essa diretora nova aqui na escola mudou, mudou bastante. Mudou. O povo vai e briga mesmo, sabe?”

## Bibliografia

- BOTH, Elizabeth, 1976, *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves.
- BOURDIEU, Pierre, 1989, *O Poder Simbólico*. Lisboa, DIFEL.
- CARDOSO, Ruth C.L., 1983, “Movimentos Sociais Urbanos: Balanço Crítico”, In: SORJ, B. & ALMEIDA, M.H.T.(orgs.). *Sociedade e Política no Brasil pós-64*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_(org.), 1986, *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_, 1988, “Isso é Política?: Dilemas da Participação entre o Moderno e o Pós-Moderno”, In: *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 20, São Paulo, março.
- COSTA, Maria Cecília & DIGIOVANNI, Rosângela, 1992, “Antropologia, Espaço e Cidade: um olhar sobre Curitiba”, In: SÁ, Cristina (org.). *Olhar Urbano, Olhar Humano*. São Paulo, IBRASA.
- DOUGLAS, Mary, 1976, *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva.
- DUMONT, Louis, 1992, *Homo Hierarchicus*. São Paulo, EDUSP.
- GANS, Herbert J, 1962, *The Urban Villagers: Group and Class in the Life of Italian-Americans*. New York, The Free Press.
- GARCIA, Fernanda E. Sánchez, 1993, *Curitiba Imagem e Mito: Reflexão acerca da construção social de uma imagem hegemônica*. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ. (Dissertação de Mestrado)
- GLUCKMAN, Max, 1986, “Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna”, In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo, Ed. Global.
- OLIVEIRA, Dennison de, 1995, *A Política do Planejamento Urbano: o caso de Curitiba*. Campinas, UNICAMP. (Tese de Doutorado)
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso, 1976, *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- PARK, Robert Ezra, 1976, “A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano”, In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira, 1973, *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo, Livraria Duas Cidades.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, 1981, *Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar Ed.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos & VOGEL, Arno, 1985, *Quando a Rua Vira Casa*. São Paulo, Projeto.
- SEYFERTH, Giralda, 1986, “Imigração, Colonização e Identidade Étnica (Notas sobre a emergência de etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil)”, In: *Revista de Antropologia*, XXIX.
- \_\_\_\_\_, 1994, *Considerações Sobre a (Re)Construção de Identidades Étnicas*, Rio de Janeiro. (mimeo).

- SIMMEL, Georg, 1976, "A Metrópole e a Vida Mental", In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- SWARTZ, Marc J, 1968, "Introduction", In: SWARTZ, Marc J (ed.), *Local level politics: social and cultural perspectives*. Aldine, Chicago.
- VELHO, Gilberto, 1973, *A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_, 1994, *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- VELHO, Gilberto & KUSCHIR, Karina, 1996, "Mediação e Metamorfose", In: *Mana*, vol.2, nº 1, abril.
- VELHO, Gilberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 1978, "O Conceito de Cultura e o Estudo de Sociedades Complexas", In: *Artefato*, nº 1.
- VIGARELLO, Georges, 1996, *O Limpo e o Sujo*. São Paulo, Martins Fontes.
- WIRTH, Louis, 1976, "O Urbanismo como Modo de Vida", In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.